

XV Congresso Brasileiro de História  
Econômica & 16ª Conferência  
Internacional de História de Empresas  
Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA DE  
PESQUISADORES  
EM HISTÓRIA  
ECONÔMICA

BRASIL E AMÉRICA NO SÉCULO XIX

## Exportações de cachaça na Bahia, 1870-1878

### *Exports of cachaça in Bahia, 1870-1878*

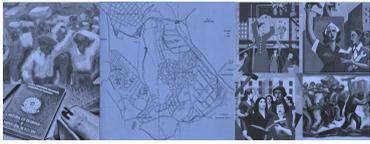
Marcelo Loyola; Pós-doutorando em História Econômica USP; malandre@usp.br

RESUMO: Este artigo analisa as exportações de cachaça (aguardente de cana) na Bahia entre 1870 e 1878. As fontes principais são falas e relatórios de presidentes de província, Livros de cobrança de impostos e inventários *post mortem*. Os objetivos consistem em avaliar a importância do produto entre os itens de exportação, as oscilações das exportações e a cobrança de impostos. Pretendemos demonstrar que a cachaça foi um componente importante da economia baiana e que além do Recôncavo outras comarcas, como a de Ilhéus, localizada no sul da província, também produzia o destilado e enviava parte da produção para Salvador, capital da província e maior centro econômico da Bahia, de onde a bebida era despachada para o exterior.

Palavras-chave: Cachaça. Economia. Bahia.

ABSTRACT: This article analyzes the exports of cachaça (sugar cane brandy) in Bahia between 1870 and 1878. The main sources are speeches and reports of provincial presidents, tax collection books and post-mortem inventories. The objectives are to evaluate the importance of the product among the export items, the oscillations of exports and tax collection. We intend to demonstrate that cachaça was an important component of the Bahian economy and that besides the Recôncavo, other counties, such as Ilhéus, located in the south of the province, also produced the distillate and sent part of the production to Salvador, capital of the province and largest economic center of Bahia, from where the drink was shipped abroad.

Keywords: Cachaça. Economy. Bahia.



## Introdução

A cachaça, ou aguardente de cana, é uma bebida destilada, derivada da cana de açúcar, introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses no processo de implantação da economia açucareira. (CASCUDO, 1986). A fabricação da bebida se espalhou por diversos contextos socioeconômicos da colônia, sua produção atendeu aos interesses de vários segmentos da sociedade, desde os que fabricavam e comercializavam o artigo até os que consumiam e os que cobravam impostos sobre a venda do produto. (ALGRANTI, 2005, In: VENÂNCIO & CARNEIRO, 2005, p. 71-91)

Alguns dos primeiros engenhos de açúcar erguidos pelos portugueses na América estavam na Bahia. Em 1570 existiam dezoito engenhos nesta capitania e ao longo do tempo esse número aumentou, como mostra a Tabela 1.

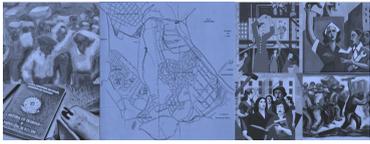
**Tabela 1- Números de engenhos em algumas capitanias.  
América portuguesa, 1570-1629**

	1570	1583	1589	1612	1629
<b>Ilhéus</b>	8	3	6	5	4
<b>Porto Seguro</b>	5	1	5	1	0
<b>Bahia</b>	18	36	50	50	80

Fonte: SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 19.

Nos primeiros séculos da colonização o desenvolvimento da economia açucareira na capitania da Bahia foi vertiginoso. Nas capitanias de Ilhéus e Porto Seguro a economia açucareira não prosperou do mesmo modo que na Bahia, onde o número de engenhos saltou de dezoito, em 1570, para oitenta, em 1629, transformando Salvador e o Recôncavo baiano em uma das áreas mais importantes na produção de açúcar e aguardente de cana do Brasil colonial (SCHWARTZ, 1988; BARICKMAN, 2003).

Além da Bahia, outros espaços se especializaram na produção da bebida. Luiz Felipe de Alencastro (2000), por exemplo, notou que o Rio de Janeiro e Pernambuco fabricavam jeribita (cachaça) e forneciam o destilado aos agentes do comércio negreiro. Segundo Alencastro (2000, p. 322) “O total da cachaça legalmente importada em



Luanda em 1699 monta a 684 pipas, ou seja, cerca de 307.800 litros, saídos da Bahia (57,4%), de Pernambuco (31,1%), do Rio de Janeiro (11,4%)”.

A historiografia demonstrou que a cachaça era parte integrante dos artigos utilizados no comércio atlântico de africanos, tornando-se uma mercadoria cobiçada nos mercados da África (ALENCASTRO, 2000; CURTO, 2002; FERREIRA, 2001, In: FRAGOSO; BICALHO; GOUVÊA, 2001, p. 339-378)

A Coroa portuguesa, por sua vez, arrematava contratos de venda da bebida, estipulando quantias a serem pagas pelo direito de comercialização do produto. Segundo Ângelo Carrara (2009, p. 75-78) no século XVIII era cobrado o imposto de Rs. 1\$600 (mil e seiscentos réis) por cada pipa de aguardente exportada de Salvador para Angola.

Na capitania de São Paulo, entre 1766 e 1822, os valores da arrematação do contrato da aguardente variaram de modo crescente entre o mínimo de Rs. 32\$000 e o máximo de Rs. 1:138\$794, com a produção abastecendo desde o mercado interno local até os charqueadores do sul da colônia (MOURA, 2020, p. 84).

Minas Gerais, na década de 1830 exportava aguardente e melado por duas rotas principais, "[...] do Vale do Alto-Médio São Francisco e do Sertão originavam-se os derivados enviados para o interior do Nordeste, via rio São Francisco. Da Mata e das mineradoras Central Leste e Oeste partiam os derivados exportados para o Rio de Janeiro” (GODOY, 2002, p. 32).

Como se ver nesses estudos brevemente discutidos a cachaça circulou nos diversos espaços da colônia portuguesa e também serviu para exportação. No caso da Bahia, boa parte da produção era destinada às trocas comerciais realizadas com a África. Outra parte era utilizada no abastecimento dos mercados locais.

Na segunda metade do século XVII a cachaça do Recôncavo baiano ganhava um mercado considerável, sendo exportada para as vilas de baixo (Cairu, Camamu e Ilhéus), Sergipe, os sertões do São Francisco e para Angola (ALENCASTRO, 2000, p. 317).

Em Ilhéus, município localizado no sul da Bahia, encontramos várias pistas indicando a presença histórica da cachaça na localidade, desde a época colonial até o século XIX, quando o território foi desmembrado em comarcas.



Stuart B. Schwartz (1988, p. 196), por exemplo, analisou vários engenhos de açúcar espalhados no Recôncavo baiano, no norte da capitania (Sergipe) e em Ilhéus, onde se localizava o engenho Santana, uma das maiores unidades escravistas dedicada à fabricação de açúcar e aguardente do sul da Bahia.

Em 1724 os devotos paroquianos de Ilhéus criaram o tributo sobre os alambiques para as obras da igreja matriz, sendo que a experiência deu tão certo que eles pediram para que o tributo fosse utilizado para a construção da matriz de São Miguel dos Rios das Contas (FIGUEIREDO & VENÂNCIO, 2005, p. 30).

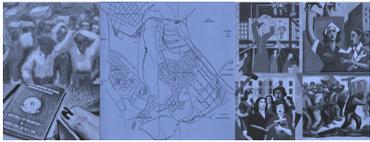
Em meados do século XVIII a produção de aguardente e melado era o empreendimento produtivo mais sofisticado do universo agrário de Ilhéus, como argumentou Marcelo Henrique Dias (2007, p.365). Segundo este autor as escrituras do notariado dessa vila registram cinco engenhocas nessa época, dotadas de alambiques, tachos de cobre e tarefas de cana. No século XIX, cachaça e escravidão continuaram integrando a economia de Ilhéus, com vários engenhos e alambiques espalhados no território (LOYOLA, 2020).

As vilas de baixo, como eram conhecidas aquelas localizadas no sul da Bahia, produziram vários artigos, fornecendo gêneros para o abastecimento interno de Salvador e do Recôncavo, além de produtos que complementavam a pauta das exportações.

Em 1799, a vila de Barra do Rio de Contas (atual Itacaré) embarcara para a Bahia (como era chamada a cidade de Salvador) 30 mil alqueires de farinha, 150 de arroz e 16 de goma. Em Cairu, no início do Oitocentos, já se plantava café e começava-se a plantar cacau e canela, embora o comércio mais importante fosse o de exportação de madeiras. (CAMPOS, 2006: p. 281-282).

A vila de Maraú exportava para Salvador melancias e seus moradores produziam farinha de mandioca, arroz, feijão, milho e já cultivam cacau nos primeiros decênios do século XIX. Camamú exportava para a capital da Bahia não só muita mandioca, arroz e milho, mas também regular quantidade de café (SPIX; MARTIUS, 1981, p. 191-192).

A vila de São Jorge dos Ilhéus, por sua vez, exportava nessa época farinha, arroz, café, aguardente, madeiras e cacau (CAMPOS, 2006, p. 313), sendo que o



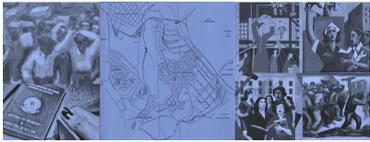
engenho Santa Maria (antigo Santana), produzia de 9 a 10 mil arrobas de açúcar em torno de 1818 (SPIX; MARTIUS, 1981, p. 177).

A seguir analisaremos as exportações de cachaça (aguardente de cana) da Bahia entre 1870 e 1878. As fontes principais são *Falas e Relatórios de presidentes de província*, *Livros de impostos* e inventários *post mortem*. Os objetivos consistem em avaliar as oscilações das exportações do produto, a sua importância econômica e a cobrança de impostos, bem como as vinculações entre Ilhéus e Salvador.

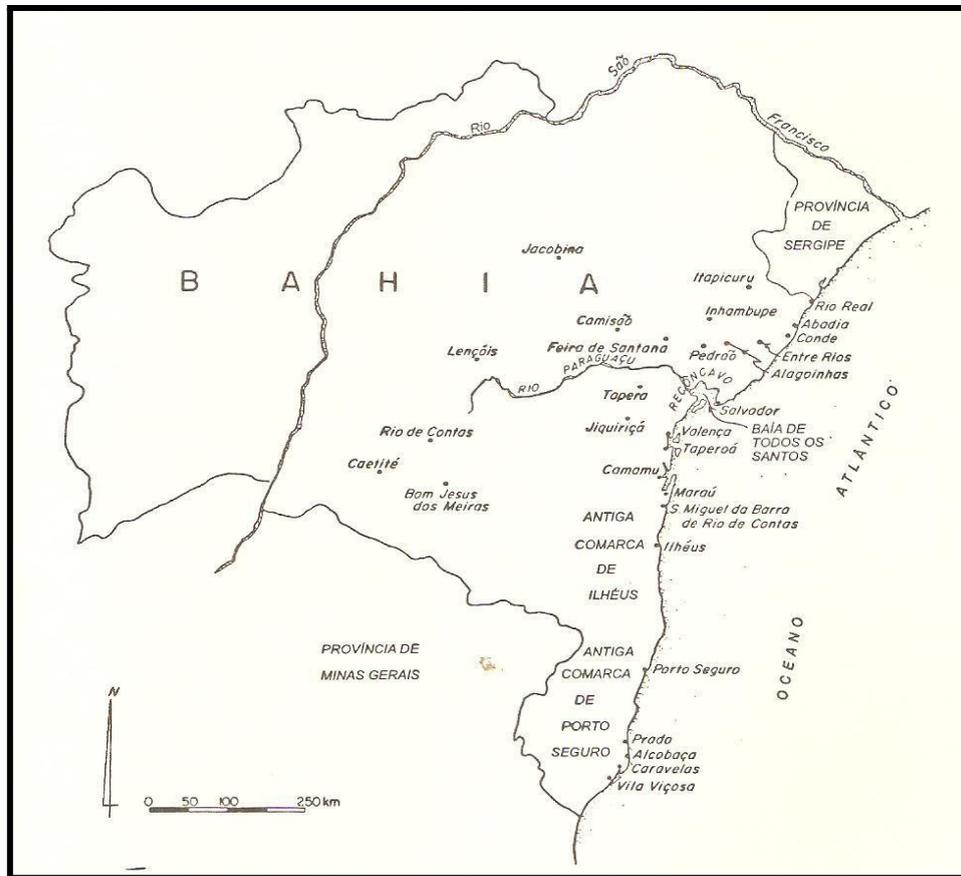
A cachaça foi um dos artigos que se destacou no comércio exterior da Bahia e além do Recôncavo outras comarcas, como a de Ilhéus, por exemplo, também produziam o destilado e enviavam parte da produção para Salvador, capital da província e maior centro econômico da Bahia.

### **Exportações de cachaça na Bahia, 1870-1878**

Durante o século XIX a economia baiana manteve-se bem diversificada, mas o açúcar se destacou entre os principais itens, dominando a pauta de exportações. Bert J. Barickman (2003) dedicou um capítulo inteiro de sua obra - *Um contraponto baiano* – a esse tema, demonstrando a proeminência do açúcar e o crescimento da importância de outros produtos, bem como as ligações entre a economia açucareira do Recôncavo e as atividades desenvolvidas em outras comarcas. A Figura 1 mostra o mapa da Bahia em meados do século XIX, como vilas espalhadas no litoral e no interior.



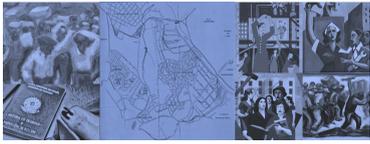
**Figura 1 - Mapa da Província da Bahia em meados do século XIX**



Fonte: BARICKMAN, Bert J. *Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 37.

Em suas análises, Bert J. Barickman não dedicou muita atenção à cachaça, se debruçando mais na investigação do fumo, mandioca e açúcar entre 1780 e 1860. Nesse período esses dois produtos (açúcar e fumo) se destacaram nas exportações da província, junto com os diamantes, eles foram responsáveis por gerar as maiores receitas (BARICKMAN, 2003, p. 56-57).

Com relação à aguardente de cana (cachaça) os percentuais de arrecadação de imposto sobre exportação deste produto variaram, em média, de 0,5 (1796-1807) para 3,4 entre 1840-1842 e em torno de 3,2 no período 1851-1860. Isso significa que, se comparado com açúcar, fumo e diamantes, a cachaça tinha participação reduzida nas exportações da província. Enquanto o açúcar chegou a responder por 66,5% das receitas



de exportação em 1853, o máximo que a cachaça atingiu foi 6,1%, em 1855, como se ver na Tabela 2.

**Tabela 2 - Porcentagem da receita total das exportações dos principais produtos. Província da Bahia, 1853-1860**

Produtos/Anos	1853	1854	1855	1856	1857	1858	1859	1860
Açúcar	66,5	59,5	53,6	49,4	50,3	43,8	56,8	26,6
Fumo	8,2	17,0	14,1	12,8	16,7	14,4	15,9	21,9
Algodão	3,6	0,8	1,1	2,0	2,1	1,1	0,4	0,6
Café	3,3	4,7	8,6	8,0	6,8	8,9	6,0	9,3
Aguardente	2,7	4,1	6,1	4,1	3,0	4,4	2,7	1,2
Cacau	0,3	0,6	0,5	0,9	0,8	2,3	0,8	1,6
Couros	2,4	4,3	5,6	5,6	5,5	7,2	3,7	6,7
Ouro	*	*	*	*	-	*	0,2	0,3
Madeira	1,0	2,1	1,2	0,7	0,9	1,4	1,6	3,6
Diamantes	11,5	5,6	8,1	15,2	13,0	10,1	9,9	14,5
<b>Soma</b>	<b>99,5</b>	<b>98,7</b>	<b>98,9</b>	<b>98,7</b>	<b>99,1</b>	<b>93,6</b>	<b>98,0</b>	<b>86,3</b>

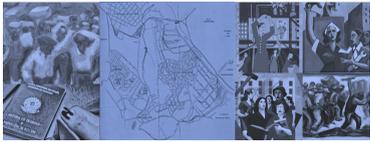
Fonte: BARICKMAN, Bert J. *Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 56-57. (Adaptado)

Esses dados, importantes para o entendimento da economia baiana, não explicam todas as questões envolvidas nas exportações dos produtos, como por exemplo: o volume, suas oscilações e os preços de venda, que tentaremos elucidar em relação à cachaça.

Como ponto de partida devemos reconhecer que a aguardente está na lista dos principais produtos de exportação da Bahia (Tabela 2), por isso a bebida deve ser considerada um artigo importante para o entendimento da dinâmica da economia.

Na fala do presidente de província da Bahia, Barão Homem de Mello, realizada na Assembleia de 1878, foi apresentado um quadro das exportações baianas, com informações sobre os artigos exportados, as quantidades e os valores, em cinco anos financeiros, começando em 1872-1873 e terminando em 1876-1877.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Fala com que abriu no dia 1º de maio de 1878 a 57ª legislatura da Assembleia Legislativa Provincial da Bahia o exm. sr. conselheiro barão Homem de Mello, presidente da província da Bahia. *Center for Research Libraries*. Disponível em: <<http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>> Acesso em 24 de março de 2023.

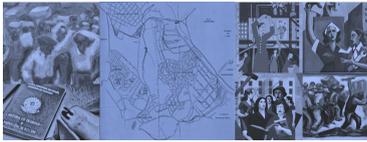


**XV Congresso Brasileiro de História  
Econômica & 16ª Conferência  
Internacional de História de Empresas**

Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



**ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA DE  
PESQUISADORES  
EM HISTÓRIA  
ECONÔMICA**



**Tabela 3 – Exportações da Bahia, 1872-1874.**

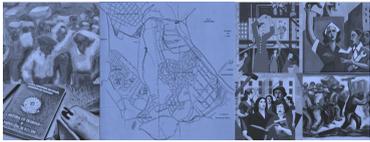
ARTIGOS	Unid.	1872-1873		1873-1874	
		Quantid.	Valor Oficial	Quantid.	Valor Oficial
<b>Aguardente</b>	Litros	602.844	87:132\$169	653.179	103:034\$435
<b>Algodão</b>	Kilog.	1.479.804	915:094\$103	1.574:410	800:969\$545
<b>Açúcar</b>	Kilog.	50.127.659	6.684:548\$875	29.314.778	3.210:626\$190
<b>Café</b>	Kilog.	3.990.448	1.772:820\$159	3.401.420	1.983:095\$667
<b>Couros</b>	Kilog.	1.311.732	969:542\$505	1.319.939	859:509\$890
<b>Diamantes</b>	Gramas	4.980	416:661\$900	4.847	405:493\$036
<b>Fumo</b>	kilog.	14.583.408	5.558:530\$956	11.736.947	4.208:676\$990
<b>Cacau</b>	kilog.	1.187.562	378:756\$438	1.116.036	310:952\$145
<b>Madeiras</b>	Ton. m.	6.723	623:985\$141	5.600	391:374\$268
<b>Pau Brasil</b>	Kilog.	767.122	31:434\$884	1.465.239	59:220\$186
<b>Piassava</b>	Kilog.	5.601.905	442:767\$692	4.073.342	328:786\$689
<b>Ticum</b>	Kilog.	5.880	10:408\$767	7.411	13:117\$300
<b>Diversos</b>	.....	.....	71:953\$539	.....	103:748\$771
		<b>SOMA</b>	<b>17.963:637\$128</b>	<b>SOMA</b>	<b>12.778:606\$112</b>

Fonte: Fala com que abriu no dia 1º de maio de 1878 a 57ª legislatura da Assembleia Legislativa Provincial da Bahia o exm. sr. conselheiro barão Homem de Mello, presidente da província da Bahia. *Center for Research Libraries*. Disponível em: <<http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>> Acesso em 24 de março de 2023.

Para o primeiro exercício (1872-1873) temos que a Bahia exportou 602.844 litros de aguardente. No período seguinte (1873-1874) esse número aumentou para 653.179 litros. Para avaliar os significados desses números nos contextos regional e nacional foi preciso recorrer à historiografia atinente a outras localidades, dada a carência de estudos sistemáticos sobre a cachaça na economia da Bahia.

Marcelo Magalhães Godoy (2004) discutiu em sua tese a proeminência do espaço canavieiro de Minas Gerais entre o setecentos e o novecentos. Ao analisar a produção média de aguardente dos engenhos em Santo Antônio do Camabu (MG), no ano de 1831, o aludido autor chegou à cifra de 3.860 litros de aguardente por engenho (GODOY, 2004, p. 546).

Não encontramos essa informação para os engenhos baianos. No entanto, Bert J. Barickman (2003, p. 188) calculou o total de 84 engenhos em seis freguesias açucareiras tradicionais do Recôncavo baiano em 1859. Se a estimativa de Godoy for utilizada como referência é possível inferir que esses engenhos (84) poderiam produzir cerca de 324.240 litros de cachaça em um ano.



Todavia, esse número está longe de refletir a quantidade real dos engenhos baianos na segunda metade do século XIX, referindo-se apenas a seis freguesias açucareiras tradicionais. Barickman argumentou que entre 1818 e 1873, o número de engenhos na Bahia aumentou de modo significativo, inclusive nas comarcas do sul. O Recôncavo continuou sendo o “coração” da economia açucareira, ali o número saltou de 292 para 635 entre os aludidos anos, enquanto nos municípios litorâneos do sul o salto foi de 2 para 42 no mesmo período. (BARICKMAN, 2003, p. 80).<sup>2</sup>

Se tomarmos como referência o número de 635 engenhos no Recôncavo baiano em 1873 e a média calculada por Godoy, 3.680 litros de cachaça por engenho, chegamos à produção total de 2.336.800 litros de aguardente no aludido ano.

Essa cifra, mais de 2 milhões de aguardente produzidos por ano, não parece ser surpreendente. Observando o quadro de exportações da Bahia para o ano financeiro de 1874-1875 verificamos que a província exportou o total de 1.424.348 litros de cachaça.

Isso está de acordo com as observações da historiografia atinente ao tema, ou seja, apesar das crises da economia açucareira baiana no século XIX, essa província continuou sendo um dos principais espaços canavieiros do Brasil, produzindo grandes quantidades de açúcar e aguardente (MATTOSO, 1992; SCHWARTZ, 1988; BARICKMAN, 2003)

A Tabela 4 apresenta o quadro das exportações da Bahia em meados da década de 1870, em que a cachaça permanece entre os principais itens de exportação.

---

<sup>2</sup> Entre os municípios do sul estão incluídos: Valença, Taperoá, Camamu, Barra do Rio de Contas, Maraú, Ilhéus e Porto Seguro. (BARICKMAN, 2003, p. 80 – Tabela 4)



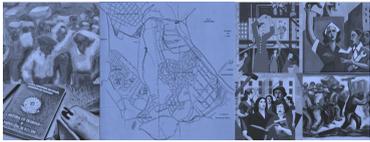
**Tabela 4 – Exportações da Bahia, 1874-1876**

ARTIGOS	Unid.	1874-1875		1875-1876	
		Quantidade	Valor Oficial	Quantidade	Valor Oficial
<b>Aguardente</b>	Litros	1.424.348	175:339\$503	562.173	67:532\$669
<b>Algodão</b>	Kilog.	492.782	224:947\$659	112.355	47:801\$515
<b>Açúcar</b>	Kilog.	56.366.709	6.001:763\$909	29.825.695	3.065:230\$448
<b>Café</b>	Kilog.	4.696.038	2.223:479\$793	7.588.541	3.518:449\$748
<b>Couros</b>	Kilog.	813.920	778:527\$003	1.081.277	429:015\$015
<b>Diamantes</b>	Gramas	1.405	117:582\$021	5.080	425:247\$600
<b>Fumo</b>	kilog.	13.760.641	4.834:364\$957	18.307.550	6.118:586\$455
<b>Cacau</b>	kilog.	931.628	248:133\$392	1.376.157	358:729\$003
<b>Madeiras</b>	Ton. m.	4.959	387:843\$796	3.483	244:823\$529
<b>Pau Brasil</b>	Kilog.	2.795.477	112:280\$880	1.757.822	65:275\$471
<b>Piassava</b>	Kilog.	4.853.097	455:554\$816	3.989.486	326:770\$102
<b>Ticum</b>	Kilog.	6.923	12:254\$478	8.815	15:523\$509
<b>Diversos</b>	.....	.....	171:056\$771	.....	354:857\$660
		<b>SOMA</b>	<b>15.743:128\$978</b>	<b>SOMA</b>	<b>15.037:851\$724</b>

Fala com que abriu no dia 1º de maio de 1878 a 57ª legislatura da Assembleia Legislativa Provincial da Bahia o exm. sr. conselheiro barão Homem de Mello, presidente da província da Bahia. *Center for Research Libraries*. Disponível em: <<http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>> Acesso em 24 de março de 2023.

O ano financeiro 1874-1875 foi o que registrou a maior quantidade de exportações de cachaça (1.424.348 litros). Porém, nos anos seguintes esse número declinou de modo acentuado, o que também foi verificado no último ano financeiro que investigaremos a seguir.

Analisando a trajetória das exportações de cachaça no período inteiro (1872-1877) verificamos que no decorrer do tempo o volume das exportações aumentou num primeiro momento, de 1873 até 1875 e em seguida declinou, de 1876 até 1877. O último ano financeiro foi o que apresentou a menor cifra, 363.187 litros de cachaça exportados. Talvez isso tenha relação com a transição que estava ocorrendo na economia, com investimentos sendo transferidos dos engenhos de açúcar para outros setores, como apólices e seguros, por exemplo, ou para a produção de cacau, que estava em expansão no sul da província, tornando-se o principal item da economia baiana nos primeiros decênios do século XX (LOYOLA, 2019; GARCEZ; FREITAS, 1979, p. 21)



**XV Congresso Brasileiro de História  
Econômica & 16ª Conferência  
Internacional de História de Empresas**

Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



**ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA DE  
PESQUISADORES  
EM HISTÓRIA  
ECONÔMICA**



**Tabela 5 – Exportações da Bahia, 1876-1877**

ARTIGOS	Unid.	1876-1877	
		Quantidade	Valor Oficial
<b>Aguardente</b>	Litros	363.187	60:531\$250
<b>Algodão</b>	Kilog.	49.534	19:883\$000
<b>Açúcar</b>	Kilog.	34.493.882	5.916:360\$621
<b>Café</b>	Kilog.	6.413,740	2.980:451\$260
<b>Couros</b>	Kilog.	963.950	363:218\$912
<b>Diamantes</b>	Gramas	5.743	480:437\$100
<b>Fumo</b>	kilog.	14.826.613	4.714:895\$809
<b>Cacau</b>	kilog.	1.468.658	517:269\$174
<b>Madeiras</b>	Ton. m.	3.409	218:007\$969
<b>Pau Brasil</b>	Kilog.	1.095.893	40,234:790
<b>Piaçava</b>	Kilog.	4.262.466	357:320\$525
<b>Ticum</b>	Kilog.	9.843	17:584\$027
<b>Diversos</b>	.....	.....	306:631\$440
		<b>SOMA</b>	<b>15.992:825\$877</b>

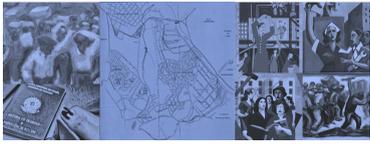
Fala com que abriu no dia 1º de maio de 1878 a 57ª legislatura da Assembleia Legislativa Provincial da Bahia o exm. sr. conselheiro barão Homem de Mello, presidente da província da Bahia. *Center for Research Libraries*. Disponível em: <<http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>> Acesso em 24 de março de 2023.

A Tabela 5 mostra que no exercício 1876-1877 a Bahia exportou 363.187 litros de cachaça. Em todos os períodos analisados até aqui o açúcar continuar se destacando nas exportações, mas produtos como café, piaçava e cacau cresceram em importância no decorrer dos anos e a cachaça continuou presente no aludido contexto.

Ainda podemos verificar os valores obtidos com as exportações de cachaça. Dividindo-se os valores oficiais pelas quantidades exportadas conseguimos chegar ao valor obtido com as exportações por litro.

No primeiro ano financeiro foram exportados 602.844 litros de aguardente por um valor oficial bruto de 87:132\$169 (oitenta e sete contos, cento e trinta e dois mil, cento e sessenta e nove réis) (Tabela 3). Neste caso, cada litro de cachaça foi exportado pela quantia de \$144 (cento e quarenta e quatro réis).

Nos períodos subsequentes o valor por litro oscilou para: \$157 (1873-1874); \$123 (1874-1875); \$120 (1875-1876) e \$166 (1876-1877). Não sabemos explicar, até o momento, as possíveis causas para essas oscilações. Ademais, os dados analisados até



aqui refletem a situação do comércio exterior feito pela capital (Salvador). Não sabemos qual era a situação a nível dos municípios. Para ampliar o entendimento dessa questão analisaremos a presença da cachaça nas exportações de Ilhéus, localizado no sul da Bahia.

### **Exportações de cachaça em Ilhéus, 1870-1878**

No dia 1º de outubro de 1870, o presidente da Câmara Municipal de Ilhéus, Joaquim Pereira Caldas, assinou a folha de abertura do *Livro de registro do imposto sobre a aguardente de cana (cachaça)* exportada pelo município. Trata-se de uma fonte valiosa, dispondo de uma série de informações praticamente completa, cobrindo o período que vai de 1870 até 1878.<sup>3</sup>

A fonte permite saber os nomes dos exportadores, as quantidades exportadas e o valor dos impostos pagos, indicando o dia e o mês que foram realizadas as exportações do produto para fora do município.<sup>4</sup>

O documento não informa qual era o destino dessas exportações, nem os preços de venda, mas podemos analisar outras questões importantes para entender a dinâmica da cachaça na economia de Ilhéus. Uma delas diz respeito ao volume despachado ao longo do tempo.

A documentação relaciona exportações em várias unidades de medidas. Entre 1870 e 1874, elas aparecem em canadas de aguardente de cana, sendo cobrado o imposto de Rs. 010 (dez réis) por cada canada exportada; entre 1874 e junho de 1877, em litros, sendo cobrado o imposto de Rs. \$005 (cinco réis) por litro exportado; daí até setembro de 1878, último mês de registro, a maioria das exportações foram realizadas em barris. Por cada barril exportado era cobrado o imposto de Rs. \$150 (cento e cinquenta réis). Para efeitos de cálculos, convertemos todas essas medidas para litros.<sup>5</sup>

Em outubro de 1870, quando se iniciou o registro do imposto, Ilhéus exportou 1.565 canadas de cachaça (10.720 litros) e arrecadou o total de Rs. 15\$650 de impostos.

<sup>3</sup> Os únicos meses em que não ocorreram registros de impostos foram outubro de 1874 e junho de 1878.

<sup>4</sup> APEB, SCP. Câmara de Ilhéus. Livro de imposto sobre exportação de aguardente de cana (cachaça). Maço 5441. Ilhéus, 1870-1878.

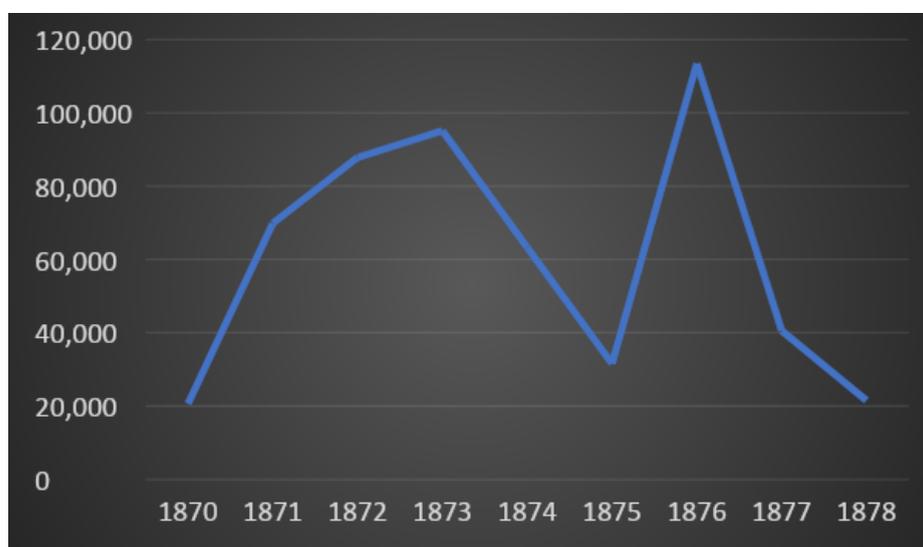
<sup>5</sup> Consideramos uma canada como sendo na Bahia igual a 6,85 litros (BARICKMAN, 2003, p. 23); para o barril, tomamos como referência o caso do barril mineiro, igual a 21 litros (GODOY, 2002, p. 463-507).



Essa quantidade parece considerável para o padrão do município, que em 1872 contava com uma população de 5.682 habitantes.<sup>6</sup>

Nesse caso, em um mês Ilhéus exportou o equivalente a uma média de dois litros de cachaça por pessoa. Computando-se todo o período concluímos que foram exportados o total de 543.749 litros da bebida, o que parece ser uma quantidade considerável. A oscilação pode ser vista no Gráfico 1.

**Gráfico 1 – As exportações de cachaça em litros. (Ilhéus, 1870-1878)**

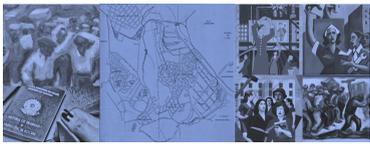


Fonte: APEB. SCP. Maço 5441. Câmara de Ilhéus. Imposto sobre exportação de aguardente de cana (cachaça). Ilhéus, 1870-1878.

O volume das exportações de cachaça de Ilhéus atravessou períodos de ascensão e declínio, como mostra o Gráfico 1. Entre 1870 e 1873 a curva foi de crescimento, alcançando pouco mais de 95 mil litros despachados para fora do município em 1873. A partir daí ocorre declínio acentuado até 1875, chegando-se a 31.556 litros neste ano. Computando-se somente os anos com exportações todos os meses verificamos que o menor volume exportado ocorreu em 1875 (31.556 litros), ao passo que o pico foi em 1876 (113.470 litros).

As maiores médias mensais foram verificadas no final do ano, sendo a mais alta nos meses de outubro (10.511 litros) e dezembro (9.202 litros), e a mais baixa nos

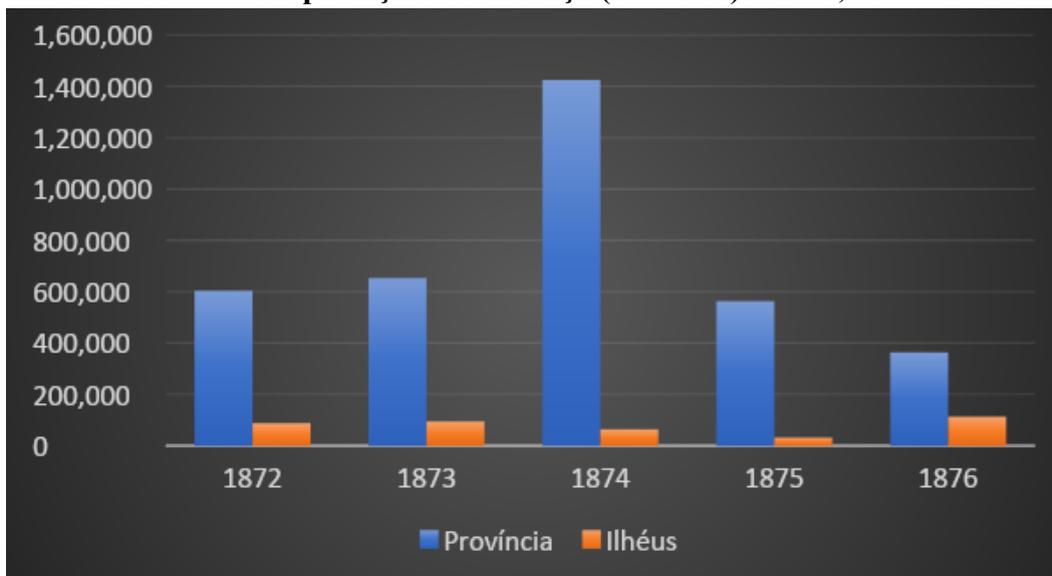
<sup>6</sup> Recenseamento Geral do Império do Brasil de 1872. Disponível em: <<http://www.biblioteca.ibge.gov.br>>. Acesso em 15 de fev. 2023.



meses de março (3.192 litros).<sup>7</sup> Quais razões podem explicar essas flutuações? A documentação não informa os motivos das oscilações. Talvez estejam relacionadas com as festas populares de final de ano, que fazia aumentar a demanda do produto nas regiões de destino, podendo refletir também o crescimento ou retração da produção, sonegação de impostos, entre outras questões.

Foi possível constatar que na década de 1870 ocorreram exportações de cachaça em Ilhéus em praticamente todos os anos, e em quase todos os meses, indicando a presença significativas do produto naquele contexto. Comparando o volume das exportações desta localidade com as realizadas pela província da Bahia podemos averiguar essa importância. As exportações da Bahia foram realizadas entre 1872-1877.<sup>8</sup> O Gráfico 2 apresenta o resultado da comparação.

**Gráfico 2 – As exportações de cachaça (em litros). Bahia, 1872-1876.**

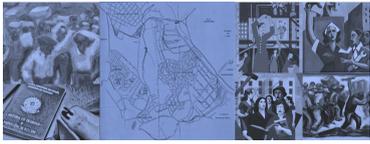


Fonte: *Center for Research Libraries*; APEB, 1870-1878.

Analisando os dados do Gráfico 2, percebemos que as exportações de Ilhéus, quando comparadas com as da província, não eram desprezíveis, visto que a Bahia

<sup>7</sup> APEB, SCP. Câmara de Ilhéus. Livro de imposto sobre exportação de aguardente de cana (cachaça). Maço 5441. Ilhéus, 1870-1878.

<sup>8</sup> Fala com que abriu no dia 1º de maio de 1878 a 57ª legislatura da Assembleia Legislativa Provincial da Bahia o exm. sr. conselheiro barão Homem de Mello, presidente da província da Bahia. *Center for Research Libraries*; APEB, SCP. Câmara de Ilhéus. Livro de imposto sobre exportação de aguardente de cana (cachaça). Maço 5441. Ilhéus, 1870-1878.



possuía um imenso território, composto por 17 comarcas, que provavelmente também produziam o destilado e despachavam o produto para a capital, de onde era exportado para os países estrangeiros ou utilizado no abastecimento interno.

O menor percentual de participação de Ilhéus no total das exportações da província foi 4,5%, em 1874; todavia, o volume da aguardente exportada por essa localidade chegou a responder por 31% de toda a cachaça exportada pela província da Bahia em 1876, algo que se explica muito mais pelo declínio das exportações da Bahia do que pelo aumento extraordinário das exportações do município.

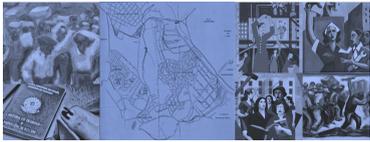
Calcular o faturamento obtido com o comércio de aguardente é uma tarefa arriscada. Não há nenhuma informação no *Livro de imposto* sobre o preço de venda da bebida. A única pista que encontramos foi no inventário dos proprietários do Engenho União em Ilhéus, que tinha 200 canadas de cachaça em 1875, quando um membro da família faleceu. Cada canada foi avaliada em Rs. \$600 e o total, em Rs. 120\$000. Neste mesmo inventário, 117 arrobas de açúcar, mais as formas, foram avaliadas, cada uma, em Rs. 2\$000 e todas por Rs. 234\$000.<sup>9</sup>

Considerando a estimativa de Barickman (2003, p.23), segunda a qual cada canada de aguardente correspondia a 6,85 litros na Bahia, podemos calcular que em Ilhéus cada litro podia ser avaliado em \$087 (oitenta e sete réis), valor que está abaixo daquela calculado para as exportações realizadas em Salvador no mesmo período, ou seja, \$144 (cento e quarenta e quatro réis) no exercício 1872-1873; \$157 (1873-1874); \$123 (1874-1875); \$120 (1875-1876) e \$166 (1876-1877). Isso nos leva a acreditar na possibilidade da bebida ser entregue a preços reduzidos na capital, de onde era despachada a preços mais altos para o exterior.

Nesse sentido, produzir e exportar açúcar e aguardente nos anos de 1870 foram atividades lucrativas, tanto para os donos de engenho quanto para os negociantes de Ilhéus e de Salvador. Além da possibilidade de obter ganhos com as exportações do produto, havia chances de lucrar com a venda da bebida no mercado interno, sendo possível constatar que alguns exportadores de cachaça de Ilhéus tinham ligação mercantil com a praça de Salvador e também forneciam o destilado no mercado interno desse município.

---

<sup>9</sup> APEB, Seção Judiciária, Inventários, Alferes José Antônio de Guimarães Bastos. Ilhéus. Est. 02, Cx. 738, Maço 1203, Doc. 12, 10 de fev. 1875.



## Os exportadores de cachaça de Ilhéus, 1870-1878

Até aqui conseguimos perceber que a economia e a população de Ilhéus estavam bem envolvidas com a produção e exportação de cachaça. Agora vamos investigar os exportadores da bebida e suas atividades no mercado interno do município.

A pequena quantidade de nomes que aparece em cada mês (chegando-se a listar sete pessoas no máximo) e o volume da cachaça exportada para cada um deles revelam alta concentração nas exportações de cachaça de Ilhéus, como mostra a Tabela 6.

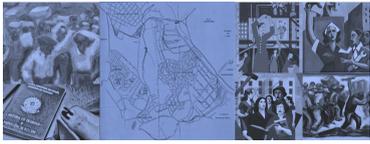
**Tabela 6 – Principais exportadores de cachaça (Ilhéus, 1870-1878).**

Exportadores			Registros		Cachaça exportada	
Nomes	Nº	%	Nº	%	(em litros)	%
José Simeão Moreno	1	1,8	100	32,0	189.343	35,0
Antônio da Cruz Rabelo	1	1,8	42	13,4	83.736	15,0
Luiz Adami	1	1,8	15	4,8	42.202	8,0
José Malaquias Barboza	1	1,8	18	5,7	31.383	6,0
Manoel Esteves Moreno	1	1,8	19	6,1	49.910	9,0
Demais exportadores	50	91,0	119	38,0	147.175	27,0
<b>Total</b>	<b>55</b>	<b>100,0</b>	<b>313</b>	<b>100,0</b>	<b>543.749</b>	<b>100,0</b>

Fonte: APEB. SCP. Maço 5441. Câmara de Ilhéus. Imposto sobre exportação de aguardente de cana, 1870-1878.

Na Tabela 6 fica evidente que apenas cinco pessoas concentraram a maior parte das exportações, ao passo que os demais exportadores (91%) foram responsáveis por somente 27% de todo volume exportado. José Simeão Moreno, por exemplo, sozinho foi responsável por 35% das exportações da bebida.

O inventário de José Semeão foi aberto em 1881, por ocasião de sua morte. A composição de seu patrimônio revela que ele era negociante, morava na rua que vai para o Largo de São Sebastião. Seu bem de maior valor era uma lancha que ele tinha em sociedade com Bernardo Sellman. Sua fortuna foi calculada em Rs. 4:249\$902, mas era insuficiente para o pagamento de todas as dívidas, que incluíam negociantes da praça de Ilhéus e da capital (Salvador), dentre outros credores.



Nos autos do processo, os herdeiros e o sócio da lancha reclamaram ao juiz dos prejuízos dela estar parada no porto da vila e solicitaram licença para navegar até o porto da Bahia. Entre os reclamantes, Manoel Esteves Moreno, parente do falecido, também está na lista dos principais exportadores de cachaça (Tabela 6).<sup>10</sup> Nesse caso, foi possível identificar a sua ligação mercantil com a praça de Salvador, o que permite inferir que a capital era o destino principal de parte das exportações de cachaça de Ilhéus, a outra parte possivelmente era utilizada no abastecimento interno.

Luiz Adami foi outra pessoa que se destacou nas exportações do destilado, responsável pelo despacho de 42.202 litros (8%), ele era negociante e faleceu em 1887, com uma fortuna no valor de Rs. 46:707\$468, a maior parte (77%) alocada em dívidas ativas. A primeira relação contém o nome de 31 devedores, entre eles seus filhos, José Carlos Adami, que também era negociante, e Domingos Adami de Sá, coletor da Mesa de Rendas Provinciais.<sup>11</sup> Trata-se de uma família de negociantes, donos da loja e armazém Guarany, que abastecia o mercado interno do município com gêneros secos e molhados, inclusive cachaça.<sup>12</sup>

Os negociantes tiveram destaque nas exportações de cachaça. Antônio da Cruz Rabelo, responsável por 15% das exportações do destilado (Tabela 6), também era negociante. Não localizamos seu inventário, mas seu nome, assim como o de Luiz Adami, aparece no *Livro de cobrança de impostos sobre casas de negócio*.<sup>13</sup>

De modo geral, os negociantes controlaram a maior parte das exportações e também vendiam a bebida no mercado interno. Contudo, donos de engenho também exportavam cachaça. Mariana Caldas, por exemplo, dona do Engenho São João, exportou 548 litros em janeiro de 1874, mais 840 em novembro do mesmo ano e 160

---

<sup>10</sup> APEB, Seção Judiciária, Inventários, José Simião Moreno dos Reis. Ilhéus. Est. 02, Cx. 781, Maço 1248, Doc. 10, 09 de jul. 1881.

<sup>11</sup> APEB, Seção Judiciária, Inventários, Luiz Adami. Ilhéus. Est. 03, Cx. 1372, Maço 1841, Doc. 18, 28 de maio 1887.

<sup>12</sup> APEB, SCP. Câmara de Ilhéus. Livro de imposto sobre casas de negócios. Maço 5455. Ilhéus, 1874-1892.

<sup>13</sup> APEB, SCP. Câmara de Ilhéus. Livro de imposto sobre casas de negócios. Maço 5455. Ilhéus, 1874-1892.



litros em agosto de 1875<sup>14</sup>; Lourenço Dias Ribeiro, dono de fazenda com engenho no povoado de Iguape, também exportou cachaça em 1879.<sup>15</sup>

Ao que parece, a maior parte da produção de aguardente vinha dos engenhos, todos eles equipados com alambiques, ao passo que as exportações estavam concentradas nas mãos dos negociantes, que tinham embarcações e ligações mercantis com a praça de Salvador, além de fornecerem o destilado no mercado local.

### **Considerações finais**

Este artigo analisou a importância da cachaça na economia da Bahia entre 1870 e 1878. A presença constante do produto entre os principais itens de exportação é um indicativo da sua grandeza nessa conjuntura. O pico das exportações foi verificado no ano financeiro de 1874-1875, quando a Bahia despachou 1.424.348 litros de cachaça.

Ao que parece, essa quantidade não correspondia somente à produção dos engenhos do Recôncavo, visto que outras comarcas, como foi o caso de Ilhéus, ao sul da província, também possuíam engenhos que fabricavam a bebida e a enviava para o mercado da capital (Salvador). O ano de maior exportação de cachaça desse município foi 1876, quando 113.470 litros foram exportados. Em aproximadamente uma década (1870-1878) Ilhéus exportou o total de 543.749 litros de cachaça, enquanto a província da Bahia despachou, entre 1872 e 1877, o total de 3.605.731 litros. Sendo assim, a participação das exportações do município no total das exportações da província pode ser calculada em 15%, o que não parece ser um dado desprezível para o contexto regional.

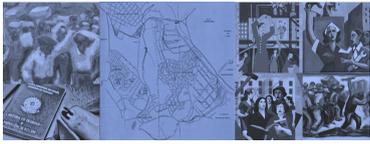
### **Referências bibliográficas**

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no atlântico sul, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

---

<sup>14</sup> APEB, Seção Judiciária, Inventários, Mariana Joaquina de Queirós Caldas. Ilhéus. Est. 02, Cx. 750, Maço 1216, Doc. 07, 16 de set. 1878; APEB, SCP. Câmara de Ilhéus. Livro de imposto sobre exportação de aguardente de cana (cachaça). Maço 5441. Ilhéus, 1870-1878.

<sup>15</sup> APEB, SCP. Câmara de Ilhéus. Livro de imposto sobre exportação de aguardente de cana (cachaça). Maço 5441. Ilhéus, 1870-1878.



ALGRANTI, Leila Mezan. Aguardente de cana e outras aguardentes: por uma história da produção e do consumo de licores na América portuguesa. In: VENÂNCIO, Renato Pinto; CARNEIRO, Henrique (Org.) *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUC-Minas, 2005. p. 71-91.

BARICKMAN, Bert J. *Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780 – 1860*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, João da Silva. *Crônica da Capitania de São Jorge dos Ilhéus*. 3. ed. Ilhéus: Editus, 2006.

CARRARA, Angelo Alves. *Receitas e Despesas da Real Fazenda no Brasil, século XVIII: Minas Gerais, Bahia e Pernambuco*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2009.

CASCUDO, Luis da Camara. *Prelúdio da cachaça: etnologia, história e sociologia da aguardente no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1986.

CURTO, José C. *Álcool e Escravos: o comércio luso-brasileiro do álcool em Mpinda, Luanda e Benguela durante o tráfico atlântico de escravos (C.1480-1830) e o seu impacto nas sociedades da África Central Ocidental*. Lisboa: Vulgata, 2002.

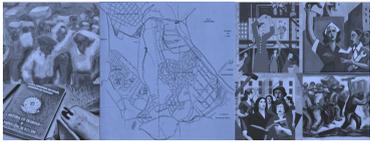
DIAS, Marcelo Henrique. *Economia, sociedade e paisagens da capitania e comarca de Ilhéus no período colonial*. Tese (Doutorado em História) – ICHF/ UFF, Rio de Janeiro, 2007.

FIGUEIREDO, Luciano; VENÂNCIO, Renato. Águas Ardentes: o nascimento da cachaça. In: FIGUEIREDO, Luciano. et alli, *Cachaça: alquimia brasileira*. Rio de Janeiro: 19 Design, 2005.

FERREIRA, Roquinaldo. Dinâmica do comércio intracolônial: Geribitas, panos asiáticos e guerra no tráfico angolano de escravos (século XVIII). In: FRAGOSO, João; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). *O Antigo Regime nos Trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GARCEZ, Angelina Nobre Rolim & FREITAS, Antônio Fernando Guerreiro de. *Bahia cacauera: um estudo de história recente*. Salvador: Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia, 1979.

GODOY, Marcelo Magalhães. Espaços canavieiros regionais e mercado interno: subsídios para o estudo da distribuição espacial da produção e comércio de derivados da cana-de-açúcar na província de Minas Gerais. In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 10., 2002, Diamantina. Anais. Diamantina: Cedeplar, 202. P. 1-54. Disponível em: <http://www.cedeplar.ufmg.br/diamantina2002/textos/D16.PDF>. Acesso em: 20 de out. 2020.



XV Congresso Brasileiro de História  
Econômica & 16ª Conferência  
Internacional de História de Empresas  
Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA DE  
PESQUISADORES  
EM HISTÓRIA  
ECONÔMICA

GODOY, Marcelo Magalhães. *No país das minas de ouro a paisagem vertia engenhos de cana e casas de negócios: um estudo das atividades agroaçucareiras tradicionais mineiras, entre o Setecentos e o Novecentos, e do complexo mercantil da província de Minas Gerais*. Tese (Doutorado em História Econômica). FFLCH-USP, São Paulo, 2004.

LOYOLA, Marcelo. *Escravidão, mercado interno e exportações na economia de Ilhéus, 1850-1888*. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

LOYOLA, Marcelo. Cachaça e escravidão em Ilhéus: 1850-1888. *Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura*, Campinas, SP, v. 28, p. 1-28, 2020.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia, século XIX: uma província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

VENÂNCIO, Renato Pinto; CARNEIRO, Henrique Soares. (org.). *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2005.

SPIX, Joham B. Von; MARTIUS, Karl F. P. Von. *Viagem pelo Brasil 1817 – 1820*. Tradução Lúcia Furquim Lahmeyer. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial 1550-1835*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia das Letras, 1988.